

Ser ou não ser filósofo

*Joaquim Domingues**

É bom ser filósofo, mas é mau parecê-lo.

La Bruyère

O aforismo, citado por Álvaro Ribeiro, veio-me à mente quando se me pôs o problema de saber se Agostinho da Silva é ou não filósofo, deve ou não ter-se como tal. A uma primeira apreciação o seu caso contraria o juízo do célebre moralista francês, tão certo é que, depois do atributo de professor, creio ser o de filósofo aquele que mais comumente se lhe aplica, sem que daí lhe tenha advindo, ao que sei, qualquer prejuízo de maior. Em contrapartida, ele mesmo nega ser filósofo e até manifesta por vezes algum desdém e distanciamento perante a filosofia, um saber demasiado desligado da vida para quem toda a consagrou à acção, mesmo quando se trata de actividade pensante ou de carácter espiritual, como científica ou religiosa.

A questão tem, portanto, uma dupla vertente: a de apurar quais os motivos por que lhe foi atribuído um título por ele rejeitado e, para mais, raramente reconhecido entre nós a quem quer que seja; e a de tentar compreender as razões que levam Agostinho da Silva a tomar tal atitude perante a filosofia. O problema é tanto mais digno de atenção quanto é certo ter-se tratado de uma posição assumida de modo coerente ao longo da vida, não obstante as relações mantidas com filósofos como Leonardo Coimbra, António Sérgio e Vicente Ferreira da Silva, por exemplo. Acresce a estranha tese, repetidamente afirmada, de que Bento Espinosa teria sido o único filósofo português digno desse nome.

*

* Natural do Porto, em cuja Faculdade de Letras licenciou-se em Filosofia. Autor de *Filosofia Portuguesa para a Educação Nacional*: Introdução à obra de Álvaro Ribeiro; *O essencial sobre Sampaio (Bruno)*; e *De Ourique ao Quinto Império*: Para uma filosofia da cultura portuguesa. Como da preparação do *Plano de um Livro a Fazer*: Os Cavaleiros do Amor ou a Religião da Razão, de Sampaio (Bruno) e da *Teoria Nova da Antiguidade*, do mesmo; dos três volumes dos *Dispersos e Inéditos*, de Álvaro Ribeiro, bem como das suas *Cartas para Delfim Santos*. Coordenou a edição dos volumes *O Pensamento e a Obra de Pinharanda Gomes* e *O Pensamento e a Obra de Afonso Botelho*. Publicou doze fascículos da revista *Teoremas de Filosofia*.

Tenho para mim que o autor da *Reflexão à margem da literatura portuguesa* constitui um caso à parte no conjunto dos intelectuais portugueses e brasileiros, pois se não integra em qualquer uma das tipologias que a propósito se podem definir, desde a do lente universitário à do poeta popular. Nem sequer se pode dizer que tenha realizado a síntese desses tipos, antes representa um caso singularíssimo, de que muito poucas personalidades se aproximam. A par de um saber imenso, de que nunca faz gala, antes considera património comum, ao alcance de todos os interessados, Agostinho da Silva apresenta-se como o arauto da tradição esquecida do seu povo, que procura actualizar – pôr em acto ou em acção – com o fito na futuridade.

A sua valorização da Idade Média, com efeito, deve entender-se como a do tempo do anúncio, simbólico e ritual, da Terceira Idade ou do Quinto Império, por definição algo a demandar ainda. No ínterim, houve a experiência da modernidade, protagonizada pela Europa do Centro e do Norte, cujo esgotamento salta aos olhos, precisamente quando parece dominar vitoriosa por toda a parte. Sem negar os seus méritos, Agostinho propõe que aproveitemos dela os elementos prestáveis, designadamente os da técnica, susceptíveis de útil reconversão em prol da sociedade fraterna e criativa, cujo cetro estará nas mãos de uma criança.

Por estranho que pareça, esta mensagem foi bem acolhida pelos homens do povo, de sua natureza reticentes às fantasias, gente prática, acossada tantas vezes pelas carências mais primárias, mas em cujo íntimo brilha ainda aquele luar de sonho que move a humanidade. Compreende-se por isso que o crissassem de ‘professor’, como quem sabe muito bem que professar, mais do que anunciar o futuro, significa dizer em voz alta o que de mais secreto sabemos e em geral calamos. Ou de ‘filósofo’ que, sobre ser título a que não corresponde um emprego remunerado, remete para a noção de uma excentricidade sábia, de um desprendimento activo, de uma liberdade comprometida.

Significativo é que, embora tenha passado por muitas instituições, o ‘filósofo’ se não identifique com nenhuma e, a bem ver, nenhuma o arvore em sua figura representativa, a não ser naquelas evocações vagamente afectivas em que é costume dourar a crueza das lutas pelo poder e pelo proveito com o inconsequente elogio dos que passam à margem delas. Inclassificável, indomável, irreduzível a um modelo, o seu percurso desenha-se em dissonância e por vezes em ruptura com as práticas e as normas dominantes, motivo pelo qual, aliás, nunca se demora muito tempo seja onde for, como quem faz da errância um método e uma norma, segundo o prolóquio tradicional de que ‘errar é humano’. Assim, se entendermos por filósofo o homem superior que, à margem

das teias da normatividade social, pelo seu pensamento e pela sua acção nos abre a formas mais elevadas de humanidade, então havemos de admitir que acertaram e acertam os que lhe dão título tão honroso, aproximando-o daqueles sábios que ilustraram a auroral filosofia grega.

*

Julgo não forçar a nota se disser que a espontânea aproximação a esse modelo ressalta de alguns textos em que, como tantas vezes acontece, o autor se entusiasma e como que se identifica ou revê no retratado. Pelo seu carácter paradigmático vale a pena reler, por exemplo, o opúsculo dedicado a Sócrates, em 1943, nos Cadernos de Informação Cultural 'Iniciação'. Ao sintetizar o perfil traçado nos diálogos platónicos, observa ser o de

«um modelo de comportamento humano, pela clareza de inteligência, a serena tolerância, a correspondência de doutrina e acto, o esforço contínuo, sincero, mais importante do que tudo, para a descoberta da verdade, por um lado, por outro lado, para que a verdade, uma vez aparecida, não sirva apenas para tema de conversa ou discursos, mas para modelar a vida, pela sua identificação com a verdadeira vida» (p. 4).

Bem diferente do representado pelos 'filósofos' que pairam nas nuvens, distraídos deste mundo pela ficção metafísica, que Aristófanes ridiculariza. Com efeito, acrescenta, «a ideia de uma missão divina foi fundamental em Sócrates e há neste homem eminentemente racionalista e crítico um fundo místico tão forte como o dos que mais ardentemente buscaram Deus e com ele pretenderam unir-se» (pp. 8-9). Empenhamento na acção, na busca da verdade e do sagrado que exige uma heroicidade incompatível à prudente mediania:

«Sócrates sabia que nada de grande sai da vida absolutamente regrada e segura, que a verdadeira vida é a perigosa, a do contínuo risco, a que jamais se sente amparada pelo que faz a segurança, mesmo assim bastante precária, da existência dos outros homens; parece essência da vida o ser incerta, aventureira, e é natural que o seja muito mais a que muito mais se afirma» (p. 10).

Não terá sido este o modelo prezado entre os contemporâneos e consagrado na literatura académica, na fase da sua formação, onde dominava o

conceito de filosofia como construção sistemática, de carácter racional, susceptível de compreender e explicar a totalidade do real. Concepção presente em António Sérgio e vigente no ensino universitário, onde se destacavam homens como Joaquim de Carvalho e Vieira de Almeida. E para a qual era de regra tomar a ciência como paradigma do saber, quer se privilegiasse a matemática ou a física, o que ajuda a compreender a simpatia com que eram acolhidas entre nós correntes como as da filosofia analítica, do materialismo dialéctico ou da fenomenologia.

Para mais a investigação historiográfica, pautada por aquele conceito, parecia confirmar o escasso valor e significado da literatura filosófica nacional, que raro se teria elevado acima da glosa dos textos importados e dos limites impostos pela ortodoxia religiosa. Por isso se compreende que, não reconhecendo uma tradição filosófica própria, Agostinho da Silva partilhe o cepticismo comum acerca da capacidade especulativa dos portugueses, a que se eximira o judeu emigrado Bento de Espinosa, exemplo de racionalidade, que tivera o ensejo de viver num meio apesar de tudo compatível à liberdade de pensar. O que, aliado ao lugar central reservado para Deus no sistema e ao ascetismo da vida do filósofo, explicará a simpatia que lhe tributa.

*

Tendo-se a si mesmo como um homem de acção e um homem religioso, antes de mais, tudo estaria talvez explicado no atinente à relação de Agostinho da Silva com a filosofia, não fora o facto de ele ter sido aluno da Faculdade de Letras do Porto e, por isso, ter recebido as lições de Leonardo Coimbra. Ao criar aquela escola superior de filosofia, em 1919, o autor de *A Alegria, a Dor e a Graça*, cuja formação académica se fizera no domínio das matemáticas, apresentava-se como o autor de um sistema original cujo primeiro esboço dera a lume em 1912 sob o título *O Criacionismo*. E se é unânime o testemunho de alunos e discípulos quanto ao facto de nunca ter imposto, fosse a quem fosse, as suas ideias, o certo é que a sua concepção do homem como ser dotado de virtualidades criadoras e aumentativas da realidade – «o homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas o obreiro dum mundo a fazer», dizia ele – não poderia deixar de estar presente na actividade docente e convivente do filósofo.

Seria muito esclarecedor apurar as razões da antipatia manifestada por Agostinho da Silva para com Leonardo Coimbra, sem embargo do respeito e apreço por quem fora capaz de criar um clima de li-

berdade espiritual que distinguia a Faculdade de Letras do Porto das suas congéneres. A exuberância da personalidade do filósofo portuense, cuja coragem física, moral e intelectual o impôs à admiração de muitos, gerava resistências e animadversões de que há testemunhos diversos, mormente na relação com António Sérgio. E o modo como assumia o republicanismo, com um pendor democratista a que não era alheia a passagem pelo anarquismo, também não podia concitar a simpatia do jovem Agostinho, que se declarava monárquico num ambiente fortemente adverso a tal opção.

Em contrapartida, o saber e a bonomia de José Teixeira Rego conquistaram-no, pelo que, em todo o caso, não passou incólume ao influxo da tradição espiritual que, desabrochada na Renascença Portuguesa, animava os melhores professores da Faculdade de Letras do Porto. A qual veio a reencontrar no Brasil, na pessoa de Jaime Cortesão, um dos fundadores e dos principais animadores daquele movimento. O facto de ter sido na sequência deste encontro que dá a lume, a partir de 1957, as obras capitais da sua bibliografia deve ser entendido, a meu ver, como a subida à plena consciência do processo interior que de há muito – desde que Agostinho era Agostinho – nele se desenvolvia.

*

Julgo, pois, que a sua relação com a filosofia deve ser vista à luz desta dupla perspectiva: por um lado, a da aceitação do conceito dominante no meio intelectual, de um saber de cariz essencialmente abstracto e especulativo, cujo valor reconhece, mas que o não motiva pessoalmente; por outro, a da descoberta da tradição espiritual lusíada, que une a Idade Média portuguesa à actualidade brasileira e na qual vê inscrita a orientação que nos cumpre tornar efectiva, a bem da humanidade e de toda a criação. Porque considera esta tradição não como um saber de intelectuais, mas de homens práticos e até místicos, cujo fito é o aperfeiçoamento pessoal pela acção em prol do comum, a sua atitude é perfeitamente coerente; se bem que afectada por uma obstinação que o não deixa ver o evidente: a essencial afinidade da sua acção e do seu pensamento com a chamada escola portuense ou da filosofia portuguesa, por sinal também incompreendida e hostilizada pelos meios académicos.

O que caracteriza e distingue este movimento é o tomar como ponto de partida e garantia primeira de todo o pensar a presença de um dado que a própria língua materna já diz, transporta e revela. Não só é absurdo pretender pensar a partir de nada ou de nenhures, como representa uma atitude de cegueira ou de inveja tentar ignorar ou desqualificar o património herdado, por

pobre e limitado que pareça. O humanismo, o subjectivismo e o voluntarismo abstractos têm permitido erguer construções metafísicas mais ou menos imponentes, mas que se revelam sempre realidades separadas e ameaçadoras da vida, do mundo e do homem real.

A noção de tradição tem, ao invés, um acento dinâmico, futurante, criacionista, pois, como ensina a etimologia, define-se por ser aquilo que se transmite, o que se diz de boca a ouvido, como o segredo a desvendar, a promessa a demandar, o fito a prosseguir na sequência das gerações. Cabe a cada um de nós, que a recebemos envolta nas formas culturais herdadas, interpretá-la e actualizá-la, pelo que nada tem de rigidez dogmática ou de feição retornista. Sem ela esvai-se a noção de identidade social e até pessoal, numa amnésia que transfere as razões da autonomia do povo, do país e da pessoa para factores externos ou circunstanciais cuja precariedade a ninguém ilude.

A afinidade entre Agostinho da Silva e os seus companheiros da Faculdade de Letras do Porto é, neste plano, tão notória que só podemos estranhar que não tenha sido mais regular, íntima e intensa a colaboração mútua, embora as diferenças do percurso e da caracterologia possam ajudar a explicar o facto. Como ajudam a compreender também a recusa em aceitar o epíteto de filósofo por quem o é na verdade, mesmo sem ser licenciado em Filosofia nem ser reconhecido como tal pelas corporações universitárias. Tal qual, aliás, o não foram Álvaro Ribeiro e José Marinho, até do ensino secundário oficial afastados.

Tenho para mim ter sido o mais vivo amor da sabedoria a animar Agostinho da Silva ao longo de uma vida em que a muitos foi despertando para idêntico amor, tal como Sócrates, e cuja voz interior, embora marcada por outros acentos, não é menos universal no âmbito a que aponta ou nas razões que a movem. Por isso julgo que acertam quantos o reconhecem como filósofo, não do tipo escolar ou escolástico, mas mais próximo daquela sabedoria cujo cadinho é o da vida e cujo auditório é o povo (não o vulgo ou a plebe), o povo qualificado, vertebrado por uma cultura própria, cioso da sua liberdade e da sua missão universalista. Ainda que não pareça filósofo aos que têm o poder de impor títulos e graus, é-o com tal autenticidade que continua a desafiar os que, de boa mente, ouvem as suas razões.

Resumo

Apesar da recusa de Agostinho da Silva em aceitar o qualificativo de filósofo, por o seu caminho se afastar da direcção dominante na intelectualidade contemporânea, entendo que a *vox populi* acerta ao reconhecê-lo como tal. Devemos-lhe o inestimável serviço de nos

ter despertado para as virtualidades actuais e futurantes da tradição espiritual que une os povos de cultura lusíada. Ao dar-lhe expressão discursiva racional, consistência histórica e formulação programática assumiu o modelo do sábio que aponta o rumo a uma sociedade em crise e apela a uma superior consciência da dignidade humana, ao mesmo tempo que, numa desconcertante humildade, se apresenta como simples porta-voz dum saber comum, embora esquecido.

Palavras-chave: Agostinho da Silva; Tradição; Filosofia

Résumé

Agostinho da Silva a refusé le titre de philosophe qu'on lui attribuait, parce qu'il ne pouvait s'identifier avec une conception du savoir comme construction intellectuelle abstraite, dégagée de la vie. À mon avis, néanmoins, il s'est engagé dans le plus authentique amour de la sagesse, qu'il croyait implicite dans quelques traditions populaires, où il voyait l'annonce symbolique de quelque chose qu'il nous faut parvenir à réaliser. La quête du beau, du vrai et du bien l'a conduit à la découverte, au Moyen Âge portugais aussi bien qu'au Brésil du XX.ème siècle, de la préfiguration d'un nouveau âge de fraternité universelle qu'il s'est efforcé pour mettre en oeuvre dans son action et dans ses écrits, comme un vrai sage.

Mots-clé: Agostinho da Silva; Tradition; Philosophie.